

Desafios na construção de uma estética audiovisual para educação à distância (EAD)

Carlos Gerbase

Doutor em Comunicação pela FAMECOS, onde leciona fotografia, cinema e televisão. Roteirista e diretor de cinema. Realizou filmes como Verdes Anos (1984) e Tolerância (2000), diversas minisséries e especiais para televisão.

RESUMO

O autor analisa as dificuldades de criar e produzir material didático audiovisual de boa qualidade para o crescente mercado de educação à distância e sugere algumas estratégias que necessariamente passam pela adequação deste material à linguagem do cinema e da TV.

Palavras-chave: educação, audiovisual, linguagem.

ABSTRACT

The author talks about the difficulties to create good audiovisual didactic material for the distant education market and indicates some strategies that must adequate this material to the movies and TV language.

Keywords: education, audiovisual, language.

RESUMEN

El autor hace un análisis a cerca de las dificultades en crear y producir audiovisuales de contenido pedagógico de buena calidad al expansivo mercado de la educación a la distancia. Sugiere algunas estrategias que, sin duda, están en la adecuación de los materiales al language del cine y de la televisión.

Palabras-clave: educación, comunicación audiovisual, language.

Introdução

A substituição – parcial ou total – das aulas tradicionais, em que professor e alunos dividem um mesmo espaço físico, pelas diversas estratégias da Educação à Distância, com destaque para a produção dos diversos materiais didáticos (tanto transmitidos ao vivo quanto previamente gravados), tem provocado discussões em dois níveis: o pedagógico e o técnico. No pedagógico, abundam os discursos sobre possíveis mudanças de paradigma no ensino e na aprendizagem. No técnico, escreve-se muito sobre as diferentes ferramentas que podem ser utilizadas pelo professor na sala virtual e sobre os diversos meios disponíveis (satélite, internet, CDs, DVDs, etc.). Estas discussões são importantes, sem dúvida, mas, infelizmente, o mais importante de todos os debates às vezes é quase esquecido: o que se situa no campo lingüístico.

Para o aluno distante, que experimenta sua primeira aula longe do professor, interessa pouco a maneira como imagens e sons estão chegando, e menos ainda as profundas teorias pedagógicas ou metodológicas que antecederam a transmissão ou a sessão privada do material entregue pelo curso. Ele quer assistir a uma boa aula, que lhe sirva de base para um processo de verdadeiro aprendizado. Ele quer ser seduzido pela informação, quer ser instigado a aventurar-se no mundo do conhecimento, e não ser conduzido pela mão a uma longa e tediosa jornada de imagens e sons tão sedutores quanto um pote de geléia. Os professores em EAD estão enfrentando, com grande dificuldade, um processo de migração de uma linguagem bem conhecida – a da sala de aula presencial – para uma outra linguagem, de que sempre foram espectadores, e não protagonistas – a audiovisual. O professor saiu do quadro-negro, mas agora está enquadrado. Só que ele não sabe disso. E, se sabe, age como se não soubesse.

A aula do professor X

Vamos imaginar que um professor hipotético

- chamado a partir de agora de Professor X - cumpre aquelas condições básicas para dar uma boa aula:

- a) conhece o assunto e sabe organizá-lo;
- b) tem experiência didática;
- c) tem suficiente entusiasmo.

Imaginemos também que o Professor X foi convidado para substituir um colega, numa situação de emergência, numa aula à distância. Em relação ao colega que será substituído, o Professor X avalia que - apesar de nunca ter participado desse tipo de experiência - ele próprio conhece mais o assunto, sabe organizá-lo melhor, tem mais experiência didática em sala de aula e muito mais entusiasmo. Assim, encara o convite com tranquilidade. “É só repetir o que faço sempre que vai dar tudo certo”, pensa o Professor X.

Apesar de não ter recebido treinamento específico em EAD, o Professor X sabe que pode usar as famosas “lâminas” digitais, normalmente executadas no programa *Power-point*, e que ele até já tem prontas para suas aulas “normais”. Chegando na sala em que a aula será transmitida e/ou gravada, o professor ainda descobre que terá a assistência de um técnico e de um monitor, o que nunca teve nas aulas presenciais. “Vai ser mole”, pensa o Professor X, tentando dominar um certo nervosismo quando senta na bancada e percebe a câmera que o enquadra, no outro lado da sala. Poucos minutos antes de iniciar a transmissão/ gravação, ainda aparecem alguns alunos do colega ausente e sentam-se à sua frente, situação típica de ambientes técnica e arquitetonicamente preparados com este objetivo: aproximar o “clima” de uma aula à distância do de uma aula tradicional. O Professor X, assim, sente-se mais seguro: “Agora tenho para quem dar aula”, pensa ele. E começa.

Depois de quase duas horas, o Professor X está contente e com a bela sensação do dever cumprido. Ele acha que os alunos presentes gostaram da aula. Um deles até fez uma pergunta inteligente! O Professor X sentiu-se tão à vontade que chegou a esquecer que havia duas câmeras no ambiente. Na saída, o Professor diz ao técnico

que gostaria de assistir ao resultado de seu esforço. O técnico promete entregar um CD ao Professor X, dali a duas horas, com a íntegra da sua aula à distância.

O Professor X, ao chegar em casa, conta para a esposa, entusiasmado, sua primeira experiência no campo da educação virtual e, mostrando o CD, a convida para assistir à aula junto com ele. Em poucos minutos, estão na frente do computador. A esposa, também professora, não esconde sua ansiedade. O Professor X coloca o CD e a aula começa. Numa pequena janela, que ocupa um quarto da tela, lá está ele, iniciando sua aula. À medida que o tempo passa, o entusiasmo do Professor X e da sua esposa diminui. Dez minutos depois, a esposa diz que precisa telefonar para uma amiga. Quinze minutos depois, o Professor X interrompe a sessão, pois nem ele consegue suportar a sensação de tédio absoluto suscitada por aquelas imagens quase estáticas, acompanhadas de sua voz que parece ficar cada vez mais irritante. O Professor X não sabe o que fez de errado, mas sabe que a sua aula, pelo menos conforme está registrada no CD, foi um erro do começo ao fim.

Sonhos e pesadelos

A questão inicial é: se uma aula à distância não é uma aula “de verdade”, com a presença do professor, o que é? Para quem, numa escola ou numa universidade, já deu uma mesma aula algumas dezenas de vezes, repetindo incansavelmente os mesmos conteúdos, as mesmas estratégias de ensino e as mesmas piadas infames, a gravação de uma aula pode parecer a concretização de um sonho maravilhoso: ter sua aula “eternizada” em vídeo, para ser reproduzida quantas vezes for necessário. É mais ou menos o que sonham alguns atores de teatro, que encenam a mesma peça centenas de vezes: por quê não fazer um filme? Uma das vantagens das máquinas sobre os homens é que elas não sentem tédio ao repetir as mesmas tarefas. Pelo contrário: elas são planejadas e construídas para repetir sem reclamar.

Estes sonhos, é claro, são de uma grande ingenuidade. Eles pretendem efetuar, para maior conforto do professor ou do ator, uma substituição que terá graves e imediatas conseqüências para o aluno ou espectador. Essa substituição, se pura e simples, a princípio não funciona. A presença humana - em carne, osso e piadas infames repetidas *ad-nauseum* - é fundamental para o envolvimento do receptor com a mensagem – didática ou artística - que está recebendo. Uma peça de teatro tem suas óbvias limitações, mas os atores estão lá de verdade, a alguns metros, sujeitos a errar, arriscando-se a esquecer o texto, submetidos às circunstâncias do local e do momento, ao alcance dos aplausos e das vaias. Quem vai ao teatro sabe disso tudo. Quem paga um ingresso para ver Fernanda Montenegro num monólogo não está esperando nada além daquele ser humano, do sexo feminino, com a idade que tem, falando e movendo-se no palco. Se o texto do monólogo for bom, aposto que os espectadores ficarão satisfeitos.

Num filme, os atores não estão lá. Fernanda Montenegro pode ser a atriz principal, mas ela não estará ao alcance de vaias e aplausos, nem poderá errar uma determinada fala – ato humano – pois seu desempenho foi captado e reproduzido por máquinas, que agora entregam ao espectador imagens e sons congelados, extraídos do passado, retirados do fluxo do tempo. Atores de cinema não têm idade certa, pois sua idade depende do ano em que o filme foi produzido e do ano em que nasceram, e não do ano em que o filme está sendo projetado. Atores de cinema podem estar mortos. Muitos estão. Na verdade, considerando-se a quantidade de filmes disponíveis em mais de um século de história do cinema, a maioria está. O cinema não tem, portanto, a humanidade orgânica do teatro. Em compensação, tem muitas outras coisas. Mais importante: o cinema (e o universo audiovisual que dele se originou) é outra coisa.

O cinema acontece em qualquer lugar, em vez de estar restrito ao palco. O cinema pode articular o tempo da ação com muito mais

facilidade. O cinema pode mudar à vontade o ponto de vista do espectador, trocando a posição da câmera. O cinema é outra linguagem, com seus signos próprios. A televisão, quando foi criada, absorveu os signos, a semântica e a estética do cinema, adaptando-os para suas próprias circunstâncias técnicas e objetivos econômicos. Os atores de teatro, quando fazem um filme ou uma novela de TV, necessariamente terão de adaptar seus estilos de interpretação a estas outras formas narrativas. Do contrário, serão chamados de “teatrais”, “artificiais”, “canastrões”, ou coisa ainda pior. Muitos bons atores são capazes de transitar com segurança entre as linguagens. Alguns têm grande dificuldade. Outros simplesmente não conseguem. E o sonho vira pesadelo. O mesmo está acontecendo com os professores.

Teatro filmado

Um bom filme pode se passar quase todo em interiores, ter pouca ação e contar uma história que avança graças os diálogos dos personagens. Com um texto bom, um elenco de primeira e um diretor que sabe usar a câmera, este filme pode até ser uma obra-prima. Mas este mesmo filme também pode ser tremendamente chato: basta que, apesar do bom texto e do bom elenco, o diretor filme burocraticamente. Nesse caso, o filme, em sua primeira sessão, já ganhará dos críticos o velho rótulo: “teatro filmado.” Um bom filme nunca é “teatro filmado”. Duas linguagens diferentes não podem ser tratadas como se fossem a mesma. A analogia é óbvia: uma aula à distância *não* é uma aula presencial. Simplesmente adotar os procedimentos habituais de sala de aula, conforme fez o Professor X, é o caminho mais curto para o desastre pedagógico.

A Educação à Distância, historicamente jovem, quase um bebê, está procurando seus paradigmas, está Tateando em busca da melhor comunicação com os alunos, mas, no fundo, sabe que suas tecnologias – tão impressionantes à primeira vista - transmissão via satélite, uso da internet, esforço de interação com ferramentas

variadas – não resolvem o problema básico da velha (e nem sempre boa, mas sempre presente) aula expositiva, em que determinados conteúdos devem ser apresentados e discutidos: esta aula, para funcionar bem, deveria parecer um bom filme, mas se parece com teatro (mal) filmado.

O Professor X, naquela sala virtual, tinha as mesmas limitações de um ator que está apresentando um monólogo num teatro. Ele confiou no seu texto e na sua experiência para divertir a platéia. E divertiu, tanto que sua primeira impressão foi de que tudo funcionara bem. Mas somente aquela platéia se divertiu. Quem estava à distância, ou seja, o público real em EAD, não se divertiu. Dormiu. Por mais comoventes que sejam os esforços para obter instantaneidade e interatividade com os alunos (e esses esforços estão corretos e devem ser redobrados), a estética da aula à distância permanecerá um grande desafio. Conversar com alunos, responder perguntas, incentivar um intercâmbio afetivo, tudo isso é bom (quando acontece, o que é mais raro do que gostaríamos), mas há um momento em que o professor deseja simplesmente “transmitir o seu recado”, “expor um conteúdo”, “dar sua aula”. E, nesse momento, ele ainda está sozinho e desamparado.

Cinema e TV são veículos que utilizam uma linguagem própria, que na verdade é uma sofisticada linguagem de linguagens, numa hibridação constante de componentes verbais, sonoros e visuais, captados normalmente por câmeras e microfones. A aula à distância está sendo mediada por câmeras e microfones, ou seja, pelas ferramentas do cinema e da TV, mas quase sempre usa a linguagem da aula tradicional, que é a mesma do teatro. A grande maioria dos projetos em Educação à Distância no Brasil está fazendo “teatro filmado” em proporções industriais. Por outro lado, uma aula à distância não é um filme de ficção. Também não é um documentário. É algo novo, cuja linguagem está sendo estabelecida agora. Mas já temos algumas certezas: as aulas melhores são aquelas que têm movimento, ação, que sabem romper a monotonia. Precisamos de

mais tons, de uma dinâmica inovadora, a ser obtida de diversas maneiras: pelo movimento físico do professor, movimento das câmeras, cortes para enquadramentos diferentes, interatividade com os alunos distantes (no caso de transmissão ao vivo), e, principalmente, pelo uso de recursos audiovisuais que respeitem a especificidade do meio que está sendo usado.

O que fazer?

Há, em diversos ambientes construídos para a Educação à Distância, uma evidente tentativa de facilitar o trabalho do professor, dando a ele um público humano, isto é, ele tem, quase sempre, alunos presenciais. Isso é bom, porque aproxima o professor do ambiente que conhece, mas também é ruim, porque, quase sempre o afasta do aluno distante. O alienamento da câmera, a sensação de que não há uma câmera, é o primeiro passo para o afastamento do aluno invisível, lá na outra ponta do processo. Pode até haver um cartazinho, que volta e meia é mostrado pelo técnico para o professor: “Olhe para o aluno distante”. Ora, esta é a prova de que a prioridade quase nunca é o aluno distante. O cartazinho deveria ser: “Olhe para os alunos à sua frente”, pois o professor deveria estar sempre olhando para a câmera.

Frente a essa situação, o que fazer? Cremos que há duas frentes de trabalho:

LINHA DE TRABALHO 1 - Lutar para que as aulas à distância (nos moldes das que estão sendo transmitidas, com um professor do tipo presencial que está migrando para a sala virtual) recebam um tratamento lingüístico mais adequado ao meio audiovisual, o que significa treinar estes professores para o trabalho de câmera (em vez de simular a situação tradicional professor-aluno), tornar a aula visualmente mais interessante (variando o ponto de vista, o que significaria a colocação de mais câmeras) e criar ferramentas de apoio audiovisual para a aula além das já existentes - as indefectíveis (e já manjadas) telas de *Power-point*. Isso sem falar no

aprimoramento de detalhes técnicos/estéticos, como enquadramento e iluminação. A aula ficaria muito mais interessante. “Cinema é cachoeira”, dizia Humberto Mauro. As aulas à distância costumam parecer lagos. Ou pântanos. Nesta linha de trabalho – e por mais horror que isso cause a alguns educadores - o professor precisa reaprender a dar aula, comportando-se muito mais como um apresentador de TV do século XXI do que como um mestre-escola do século XVIII.

LINHA DE TRABALHO 2 - Lutar para criar e produzir produtos audiovisuais que usem plenamente a linguagem audiovisual, fugindo do esquema expositivo/sala de aula e procurando uma estética narrativa/mundo. Estes produtos não vão substituir o professor, e sim apoiá-lo decisivamente no processo de Educação à Distância, proporcionando exemplos do mundo “lá de fora”, enriquecendo visualmente os conteúdos, fornecendo imagens e sons capazes de tornar a aula muito mais interessante. Sabemos, contudo, que não é fácil produzir uma peça audiovisual para uma aula sobre um determinado tema, e que o nosso desafio é produzir em escala, para dezenas de aulas, com dezenas de temas diferentes. E o mais importante: produzir com custos economicamente viáveis. O uso de material de arquivo parece ser uma boa alternativa. Resignificados por edições voltadas ao assunto da aula à distância, imagens e sons retirados de fontes diversas podem dar uma outra dinâmica ao processo em EAD. O uso de pequenas animações digitais, criadas em *softwares* como o *Flash* – recurso já bastante utilizado no Brasil – também ajuda. Mas a migração do “teatro mal filmado” para uma boa aula à distância passará, necessariamente, por uma revolução no processo de realização da aula, desde a sua concepção até a edição final. Nesta linha de trabalho, o professor será o elemento central – e decisivo - de uma equipe de produção audiovisual, que o ajudará a desenvolver aulas que funcionem como filmes (ou como bons programas de TV), e não como sessões de sonoterapia.

Cabe agora uma advertência: as aulas à distância são uma parte – importante e provavelmente decisiva – de qualquer forma de atuação séria em EAD, mas elas não constituem a totalidade do processo, que envolve outras estratégias e outras modalidades de relação com o aluno, como o uso de ambientes especialmente modelados para a Internet (a exemplo do WebCT, Moodle e outros softwares), a mediação de tutores e monitores e a interação entre os próprios alunos. Aliás, esta última, segundo alguns pesquisadores da área, poderia ser, num futuro não muito distante, a porta de entrada para um novo modelo de educação, às vezes chamada de “pós-moderna” (PETERS, KEEGAN, 1994, p.224), em que a velha hierarquia professor-aluno poderia (e até deveria) ser quebrada. Contudo, o sonho de uma transformação radical, que levaria a uma construção conjunta de conhecimento – mais horizontal e democrática, e menos vertical; mais interativa e colaborativa, e menos autoritária; mais holística e menos disciplinar – está, sem dúvida, distante. A “aula” – presencial, nos moldes de Platão, ou à distância, nos moldes do século XXI – ainda parece ser útil e necessária. O desafio é adaptá-la aos novos tempos, às novas tecnologias e ao novo modo de ser dos professores e dos alunos contemporâneos, na busca de sonhos mais concretos. Cremos que, assim como teatro não foi exterminado pelo cinema, e nem este foi destruído pela televisão, a “linguagem da aula” vai sobreviver ainda por muito tempo, se os desafios forem enfrentados e vencidos.

Os medos do professor na hora da aula

São, basicamente, três os medos dos professores tradicionais quando confrontados com a realidade da Educação à Distância:

(1) a suposta extinção pura e simples do papel do professor, que seria substituído por materiais – impressos e audiovisuais – entregues aos alunos, nos moldes dos velhos “ensino por correspondência” ou

“tele cursos”, ou adaptados para a era digital, com uso intensivo da internet;

(2) a suposta transformação do “professor” (com sua tradicional autonomia pedagógica e autoridade na sala de aula) num “ator” (dirigido por alguém), papel que não quer (nem sabe) desempenhar;

(3) a suposta supressão do contato pessoal e “quente” com o aluno, que acontece fisicamente na sala de aula, mas que, na Educação à Distância, mediada pelas tecnologias, seria muito mais frio e maquínico.

Estes medos têm razão de ser. Com toda a certeza, muitos erros já foram cometidos na Educação à Distância, no mundo todo, e muitos professores (como o nosso “Professor X”) tiveram experiências desagradáveis. Mas, num processo de transformação verdadeiro e corajoso do ato de educar – que sai (mesmo que parcialmente) da sala de aula presencial para um ambiente de EAD – esses medos podem e devem ser superados, pelas seguintes razões:

(1) o bom professor não é um simples repositório e retransmissor de informações. Ele é sempre um questionador e reelaborador de conhecimentos. Portanto, não pode ser simplesmente substituído por uma aula gravada em DVD ou disponibilizada na internet. Esta aula – ou pelo menos parte dela – perderá a validade em algum tempo, pela inevitável evolução do conhecimento humano. E o bom professor sempre será chamado para explicar o que mudou no mundo;

(2) um bom professor não precisa virar ator, do dia para a noite. Ele precisa, isto sim, aprender a trabalhar em equipe, adaptando-se às tecnologias audiovisuais do mesmo modo com que vem se adaptando às informacionais. Ele terá que receber treinamento para enfrentar câmeras e microfones, mas continuará sendo o mesmo professor, mantendo, de preferência, a sua “personalidade pedagógica” intacta. Ele terá também que dividir a responsabilidade do sucesso de sua aula com uma equipe formada por roteiristas, diretores,

produtores, diretores de arte, editores e animadores, trabalhando com eles desde a concepção até a finalização da aula;

(3) o contato “quente” e orgânico com os alunos em sala de aula, a exemplo do que acontece com os atores de teatro e seu público, realmente está perdido numa aula à distância. Mas quem disse que só esse tipo de contato é bom, pedagogicamente falando? O cinema mostrou que, com a aplicação correta de sua linguagem, é capaz de eletrizar platéias, causando emoções de todo o tipo e construindo uma nova tradição narrativa. Além disso, já há inúmeros relatos de experiências em EAD com interações altamente positivas entre todas “pontas” do processo (professor, tutores, monitores e alunos), que podem superar, inclusive, aquelas que acontecem presencialmente.

Muitas vezes, estes medos não passam de uma defesa instintiva contra uma mudança no papel do professor. Ou, como, sintetiza Derma Pescuma:

Diante dessa nova situação, fica abalada a figura do professor tradicional entendido como transmissor de saber, que freqüentemente desenvolve seu trabalho sem ter conhecimento dos alunos, considerando-se como centro do processo ensino-aprendizagem e agindo de forma isolada e avaliando de forma excludente e massificadora. Tornando-se ele próprio instrumento de pressão e controle, angústia e tensão. (PESCUMA, 2003, p.44)

Uma nova proposta de ação integrada

Já existe no Brasil extensa bibliografia sobre Educação à Distância, mas são poucas as experiências de produção para as aulas propriamente ditas. Algumas propostas (como a do “Manual de Orientações para Produção Gravada e Escrita”, do IESDE, de Curitiba), já colocadas em prática, parecem apontar para os mesmos caminhos que trilhamos neste texto. Há, contudo, um erro de encaminhamento que parece repetir-se: o afastamento do professor do “núcleo duro”

da preparação da aula, como se a distância entre o papel do professor e o dos demais profissionais (roteirista, diretor, produtores, editor, diretor de arte) fosse insuperável. É comum a simplificação “o professor fornece o conteúdo, enquanto a equipe de realização fornece a forma”. Ora, imaginar essa dicotomia no século XXI é voltar aos tempos de Platão, que imaginava o mundo das idéias separado do mundo das coisas físicas e das emoções.

Pensar a forma também é pensar o conteúdo, e vice-versa, desde que cada um respeite as competências específicas do seu colega de trabalho. A única forma de uma aula à distância “dar certo” é proporcionar ao professor e à equipe de realização uma troca de experiências real e instigante para os dois lados. Também cremos ser impossível imaginar um modelo estrutural rígido para uma aula à distância, considerando um elenco fixo de materiais e estratégias, como propõe o IESDE. Assim, propomos o seguinte cronograma básico para a produção de uma aula, considerando que ela será gravada e editada (e não “ao vivo”), o tema já está escolhido e que os tópicos a serem apresentados foram selecionados, o que é responsabilidade do professor e da equipe pedagógica que o assessoria:

(1) Processo de roteirização – em que o professor e o roteirista audiovisual (profissional com experiência em escrever para cinema, TV ou ambos), em conjunto, discutem, criam e aprimoram o roteiro da aula, considerando a melhor maneira de transmitir cada um dos conteúdos escolhidos;

(2) Pré-produção – em que o roteiro será analisado pelo produtor, que chamará os demais profissionais necessários para a realização daquela aula. Essa equipe pode mudar, de acordo com a aula. Às vezes, um repórter é essencial; outras vezes, um animador (computação gráfica) é mais adequado. Mas sempre haverá um diretor geral, um diretor de arte e um editor. Essa equipe vai “pensar” a aula como um todo e prever tudo o que será necessário para a sua produção, considerando o orçamento

disponível;

(3) Preparação do professor – treinamento para a gravação da aula, a cargo do diretor geral. De acordo com o que prevê o roteiro, esse treinamento pode exigir diferentes competências. É claro que um professor já experiente com aulas à distância e que tenha intimidade com as câmeras terá um treinamento muito mais fácil;

(4) Produção – gravação da aula virtual (professor), gravação dos demais elementos da aula, criação de todos os elementos gráficos de apoio;

(5) Pós-produção – edição de som e imagem, colocação da trilha (música especialmente composta ou livre de direitos), colocação de caracteres. No final, a aula editada deverá ser assistida e aprovada pelo professor.

O único momento em que o professor não está presente é na pré-produção, quando poderá fazer seu treinamento. No caso de uma aula “ao vivo”, recurso que, dependendo da dinâmica do curso, é extremamente útil, a pós-produção acontece em tempo real, o que exige um planejamento ainda mais minucioso.

Conclusão

Para que as aulas na Educação à Distância sejam eficientes e produtivas para os alunos, elas precisam se adaptar ao meio em que são transmitidas. Ignorar os recursos da linguagem audiovisual – múltiplas câmeras, edição, possibilidade de trazer o mundo “real” para a aula, usando diversas formas e com diferentes estratégias, dependendo do conteúdo – é um suicídio pedagógico. As aulas são apenas uma das estratégias em EAD, mas costumam ter papel fundamental na relação com o aluno. Enquanto isso não mudar (se é que vai mudar), a produção das aulas tem que se sofisticar, num processo que mantém o professor, mas agrega uma equipe acostumada a realizar produtos audiovisuais.

Só assim, com uma mudança radical de paradigmas – o modelo da aula presencial (vindo

do teatro) sendo substituído por um modelo audiovisual (vindo do cinema, do vídeo e da TV) – os professores terão uma chance real de atingir os corações e as mentes dos estudantes. A mudança não é fácil e causa grandes apreensões entre os educadores, que podem ver os profissionais do meio audiovisual como substitutos. Essa tensão só será superada quando os professores perceberem (na prática, e não na teoria) que uma aula à distância bem feita, criada e executada com a sua participação decisiva, é tão boa (ou melhor, em certos aspectos) que a sua velha aula presencial. A partir daí, com certeza o medo será substituído pelo entusiasmo e pela esperança de que esse novo modelo de educação – que não pode esquecer a contínua renovação de valores e de conhecimentos – é uma alternativa preciosa para os grandes desafios que o Brasil enfrenta, e que as salas de aula, sozinhas, parecem ser incapazes de resolver.

Referências bibliográficas

PESCUMA, Derma. *Educação a distância: novas exigências educacionais*. In: Leopoldianum: Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos. Ano 28, número 78. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2003.

PETERS, Otto, KEEGAN, Desmon. *Otto Peters on distance education: the industrialization of teching and learning*. Londres: Routledge, 1994.

MANUAL DE ORIENTAÇÕES PARA PRODUÇÃO GRAVADA E ESCRITA. Curitiba: IESDE, 2004.